

JOSÉ DE MESQUITA
(Da Academia Mato-grossense de Letras)

Revista das Academias de Letras
(1º Semestre de 1948, Nº 63)

**AS MULHERES NA OBRA DE
EÇA DE QUEIROZ**
(pags. 67-69)



— Federação das Academias de Letras do Brasil —
Rio de Janeiro
1948

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

“AS MULHERES NA OBRA DE EÇA DE QUEIROZ”

In: *Revista das Academias de Letras* – Federação das Academias de Letras do Brasil – 1º Semestre de 1948, Nº 63, pág. 67 a 69.

José de Mesquita

(da Academia Mato-grossense de Letras)

O primeiro romance do grande escritor cujo centenário de nascimento ora festejamos — Eça de Queiroz — foi *O Mistério da Estrada de Sintra*, levado a lume em colaboração com Ramalho Ortigão, em 1870, em folhetim do *Diário de Notícias*. É dessa novela, que o próprio Eça, n’*As Farpas*, chamou de “livro deplorável, que juntara à insignificância literária, a esterilidade moral”, a figura ultra-romântica de Carmen Puebla, cubana galante, mulher de um comerciante espanhol, que amou, na Índia, um oficial da marinha britânica, Rytmel, por quem fora salva da morte, numa caçada de tigres. Carmen é a primeira criação feminina de Eça de Queiroz, primeira, é bem de ver, na série cronológica, e vale a pena, num estudo acerca da influência da Mulher na obra do grande novelista luso, observar a evolução que vai da personagem de *O Mistério* à meiga donzela de Flor da Malva, a doce Joaninha, última na seriação das heroínas do notável romancista.

Carmen é a mulher fatal, a hiper-emotiva, a passional, em cujas veias, no dizer de António Cabral, “o sangue vermelho de crioula fervia em cachões de ódio e de despeito” e que, ao pressentir os amores do Rymel com a Condessa, procura eliminar o amante e não conseguindo, se atira, espetacularmente, ao fundo das águas marinhas, tumulto indevassável adequado ao seu destino dramático.

Dessa criatura, que conquanto supra-romantizada, não escapa ao plano da realidade, pois que, na vida, há muitas Carmens e poucas Joaninhas, Eça, para chegar à doce menina de Sandofim, percorreu, como todos percorremos na vida, o seu roteiro sentimental, pontilhado de nomes que se apagam uns, na

obscuridade total, ou ficam outros, luzi-luzindo em merencórias lembranças . Acompanhá-lo-ei através da obra polimorfa, que reflete a vida, nos seus rápidos traços, ainda que escrita em horas furtadas a graves quefazeres. Chamam-se elas Luisa, Amélia, Maria Eduarda, Maria Monforte, Gracinha, lindas encarnações de mulheres portuguesas, que Souza Costa deixou à margem ao tracejar a galeria suavedas “grandes amorosas”, sofredoras umas, simples e meigas outras, resvalando pelos aclives do pecado e do mal, ou resistindo, na sua hora de Satã, aos eflúvios capitosos da conjuntura que Bilac admiravelmente sintetizou naquele verso:

“da sombra, do silencio, do perfume . . .

Eça conseguiu, no milagre supremo da Arte, dar beleza e encantamento até à perversão, e daí o perigo do seu gênio, feito, como o de Balsac e Maupassant, de sortilégio, para as almas fracas e despidas dessa *couraça moral da Fé e da Virtude*. As suas criações femininas, mesmo as que erram, se fazem excusar, pelo ambiente de que às cerca, pela terrível lógica que as faz arrastar ao abismo. Assim Luiza, diante do primo, Amélia, entregue a inconsciências de Amaro, Maria Eduarda, entre o fascínio de Carlos da Maia. E daí, também, a moralidade, podemos dizer, que ressei do tecido amoral de suas obras, tidas como das mais escandalosas: ele, como Flaubert, em *Madame Bovary*, mostra-nos, nessas pobres e inditasas vitimas do egoísmo masculino, ou das taras pessoais, herdadas mal a seu grado, exemplos do grande erro da sociedade burguesa, deixando a mulher exposta à calculada depravação do sedutor e apontando-a, depois, à execração, como si a fraqueza ou o estado mórbido fosse um crime, e sem ver que ela é “acaso más enferma que culpada”, no dizer de Nunes d’Arce.

Maria Eduarda, sobretudo, é insuperável. Resvalando até o incesto, não conhecido sinão tardiamente, essa mulher se nos depara uma dessas “marcadas pelo destino”, num drama que evoca, em suas grandes linhas, a tragédia helênica. Ninguém que tenha lido *Os Maias* se esquecerá jamais daquela

cena em que “Carlos, tornando-lhe a cabeça entre as mãos e contemplando-a profundamente até a alma, (o grifo é meu) murmurou, num enlevo:

— És perfeita!”. E acrescenta o romantismo inexcusável: “Ela desprende-se, com melancolia, daquela admiração que a perturbava”.

Maria Eduarda trouxe para a vida esse legado da Beleza, que Anatole France expressivamente conceituou ser para certas mulheres “a maldição do céu”.

Não quero referir-me, neste leve escorço, em que somente devem passar o amor, a graça, o encanto ou mesmo o desencanto (ainda este doce . . .) da vida, a essas criações caricaturais e grotescas, pejorativismo da mulher — a Juliana, a Titi, a Gouvarinho, a Sanjoaneira, recortadas também das películas da vida real, pela arte mágica do ficcionista que soube, como ninguém, codaquizar a paisagem e refletir os tipos e costume da sua terra e da sua época.

— No currículo literário de Eça de Queiroz, que Álvaro Lins enquadrou, superiormente, no seu meio e na sua idade, “época de esplendor burguês e decadência moral”, a Mulher ocupa um lugar proeminente. As protagonistas dos seus livros são outras tantas personagens que, são nomes diversos, devem ter-lhe passado pela vida, ou pelo campo de observação visual ou psíquica, em seu viver tão curto, mas bem cheio. E elas têm a sua coroação magnífica, a sua láurea sublime, nessa doce e esbatida figura da Joaninha, a prima do Zé Fernandes, a mais leve e fluida criação do engenho artístico do prodigioso retratista de mulheres. E assim como Tormes reflete a paisagem dourense, de S. Cruz e Vilanova, naquela “serra bendita entre as Serras”, a apagada criatura que, no seu amavio de provinciana, cativou o super-civilizado Príncipe da Grã-Ventura, o Jacinto do “202”, reproduz a Emilia de Rezende, a esposa, e companheira do finado e céptico escritor que foi, no dizer de Viana Moog, o mais autentico representante do seu século. Nela encontrou Eça, como o Jacinto na era Joaninha, “a

luz no mar, a torre de segurança, a fonte de Caridade”, desde que a levou ao altar, na maior intimidade, na Quinta de Santo Ovídio, nos idos de fevereiro de 1886.

Assim o interpretou, antes de mim, Edith Magarinos Torres, em formoso estudo, tirado no número especial de *D. Casmurro*, em homenagem ao egrégio autor da *A Cidade e as Serras*. É esse, também, o conceito de António Cabral e de Luis de Oliveira Guimarães, no seu ensaio digno de nota — *As Mulheres na vida de Eça de Queiroz*. Vale dizer — e com isto encerro o meu preito à memória do grande polígrafo que, há cem anos, vinha ao mundo, na gloriosa Lusíada — que Eça, na sua obra, como na sua vida, perlustrou esse itinerário sentimental que todos nós, homens — artistas, conhecemos, procurando a “Mulher” nas “mulheres”, para fechar o ciclo que encetou com a demoníaca e perturbadora Carmen, nessa mulher simples e meiga, protótipo de Beleza e de Bondade, que é Joaninha, que lhe aparece, já na hora outonica, ao espírito saturado de emoções, fixando em linhas definidas e definitivas o seu destino inquieto de artista e amoroso.

Aqui fica na orquestração do seu estilo inimitável, e como chave de ouro desta palestra ligeira, a página imortal do seu romance de convertido, na qual aparece essa Mulher, eleita entre tantas, no seu Encontro maravilhoso com a Vida e o Amor: “Mas à porta, que de repente se abriu, apareceu minha prima Joaninha, corada do passeio e do vivo ar, com um vestido claro um pouco aberto no pescoço, que fundia mais docemente, numa larga claridade, o esplendor branco da sua pele, e o louro ondeado dos seus belos cabelos — lindamente risonha, na surpresa que alargava os seus largos, luminosos olhos negros, e trazendo no colo uma criancinha gorda e cor de rosa, apenas coberta com uma camisinha, de grandes laços azuis. E foi assim que Jacinto, nessa tarde de setembro, na Flor da Malva, viu aquela com quem casou em Maio, na capelinha de Azulejos, quando o grande pé de roseira se cobrira todo de rosas”.